ZONEAMENTO DO GEOSSISTEMA PARA O TURISMO NA NATUREZA EM JARDIM-MS

Charlei Aparecido da Silva

Fábio Orlando Eichenberg

RESUMO: Como se caracteriza um território turístico? Quais elementos dos subsistemas ambientais são representativos desses sítios? Qual o papel do geossistema nessa caracterização? Alguns desses questionamentos vieram à baila e compõem um universo diverso. No decurso do trabalho tiveram suas devidas respostas. Algumas um pouco mais satisfatórias. Outras nem tanto. O objetivo dessa pesquisa foi através do método sistêmico de análise caracterizar os subsistemas ambientais e propor um zoneamento turístico do município de Jardim (MS) a partir dos softwares (SIG) *Arc Gis e Spring*. O geossistema do município de Jardim é relacionado pelo governo estadual como de grande importância para o Turismo, em especial o praticado na natureza, o que mantém Jardim, em estratégica posição no território Sul – Mato - Grossense. A existência de recursos hídricos quase totalmente livres de poluição como: o rio da Prata, o rio Perdido, o rio Miranda, proporcionam um conjunto elementos naturais já inseridos num contexto da criação de territórios turísticos e baseado no geossistema e podemos considerar que a região passa por um processo de conversão dos *habitat* naturais, outrora contínuos, para uma paisagem composta por fragmentos de cerrados, campos e floresta, imersos em uma matriz antrópica, predominantemente representada por pastagens plantadas. Convém ressaltar que a presente análise não pretende esgotar os estudos sobre o Geossistema do município, mas pode, e gostaríamos que assim o fora, auxiliar estudos subsequentes na disciplina do Turismo e também na Geografia.

Palavras-chave: Território Turístico; Turismo de Natureza; Pensamento Sistêmico.

ABSTRACT: How is characterized a tourist territory? Which elements of environmental subsystems are representative of these sites? What is the role of Geossistema in this characterization? Some of these questions popped up and comprise a diverse universe of a wider project, which was a "time". In the course of the work had their proper answers. Some a little more satisfactory. Other not so much. The goal of this research was through the systemic analysis method to characterize environmental subsystems academically town of Jardim (MS) from the software (GIS) Arc Gis and Spring. The geossystem of the town of Jardim is related by the State Government as of great importance for tourism, especially practiced in nature, which maintains garden, strategic position in the territory in sul-mato-grossense. The existence of water resources almost entirely free of pollution as: the rio da Prata, rio Perdido, rio Miranda, provide a natural elements already inserted in a context of turistificação and based on Geossystem and we can consider that the region is going through a process of conversion of natural habitats, once solid, to a

landscape composed of fragments of cerrado, fields and forest, immersed in a predominantly anthropogenic array represented by planted pastures. It should be noted that this analysis is not intended to exhaust the studies on the Geossystem of the city, but it can, and we would like that out, subsequent studies on auxiliary discipline of tourism and also in geography.

Keyword: Tourist Territory; Nature Tourism; Systems Thinking.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A atividade turística na natureza pode ser representada a partir das relações das *sociedades com suas naturezas*. Durante séculos, o homem transformou seu entorno, modificou suas práticas e assegurou que o "natural" fosse tido como uma extensão da sociedade, para o bem, e para o mal. Essa relação tempestuosa se traduz em momentos de adoração, de tensão, sofrimento, romantismo e racionalidade, permeada por avanços científicos, pelo surgimento e desaparecimento de teorias e grupos associados ao tema e entremeados as consequentes transformações ocorridas.

No Brasil, os movimentos ambientalistas surgidos na década de 60 e 70 vão cumprir seu papel de "pressão" sobre o regime ditatorial vigente a época, alinhados aos interesses de outros grupos internacionais. Por quase todas as décadas subsequentes à discussão acerca de como lidar com a Natureza enquanto Recurso? Vai ser estabelecidos por regimes, ditadores, governos e governantes, principalmente no continente Sul – Americano, onde a "pressa" em criar atrativos turísticos na natureza transformou vários *recursos naturais,* em "sucata turística". O Brasil a partir de 05 de Outubro de 1988, com o advento da "Nova" Constituição da República Federativa, propôs avanços que refletiriam no Turismo a Partir de meados da década de 90, ainda que estudos sobre o chamado até então Turismo Ecológico.

> No Brasil, no âmbito governamental, o ecoturismo é discutido desde 1985, quando a EMBRATUR iniciou o projeto "Turismo Ecológico". A primeira iniciativa de ordenar a atividade ocorreu em 1987 com a criação da Comissão Técnica Nacional, constituída por técnicos do IBAMA e da EMBRATUR, para monitorar o Projeto de Turismo Ecológico, em resposta às práticas existentes à época - pouco organizadas e nada sustentáveis. (Diretrizes Para Uma Política Nacional de Ecoturismo, 1994).

Essa pouca organização se refletiu durante quase todo o século passado devido a pouca influência política da atividade, haja vista, a pasta do Turismo, estar "sediada" em diversas "outras" pastas nos governos Pré e Pós Democracia. Esse fato ainda hoje é notório, quando alinhamos as Políticas de Turismo diante dos demais segmentos da economia brasileira, sendo o Turismo quase sempre invisível, e incapaz de "pesar nas balanças" e indicadores sobre economia interna e externa. É fato que a criação de um ministério específico para o Turismo, na década passada, criou um ambiente, que se acreditava, propício para alavancar a atividade, para lhe dar aspecto e corpo de indústria que lhe falta há décadas no Brasil, no entanto, o que se observa ao longo de mais de 10 anos completados em 2013 é um ministério esvaziado e a duras penas conseguindo realizar o seu papel de "organizador", e para além, de equacionador das diferenças e perversidades encontradas no território brasileiro, algumas delas agravadas por propostas equivocadas de desenvolvimento regional, que se transformam em alguns casos, como o do município de Jardim (MS) em fracasso. Os Planos, Programas e Metas se mostram nada ambiciosos, e o Brasil, não consegue transformar "o futuro" ao qual lhe relegam prefácios e introduções de documentos oficiais em presente, no hoje, em geração de emprego, renda e divisas.

Ao analisar os desdobramentos da política de planejamento territorial regional que se constituiu através dos municípios-polo indutores de crescimento turístico é possível destacar que ela sofre basicamente os mesmo efeitos daquelas pensadas originalmente inspiradas nos anos 1950 e 1960 por (Myrdal 1960, Hirschman 1961 e Perroux 1967) e destacadamente analisadas em Guimarães (1988); Leite (2004, p. 8) os "modestos resultados" das políticas de planejamento regional devem ser avaliados considerando, entre outros critérios, o grau de prioridade que assumiam no conjunto das políticas governamentais. Em muitas situações não passaram de retórica, e mesmo quando foram levadas a sério, não receberam os recursos suficientes para contrabalançar os efeitos dos mecanismos de mercado e das políticas de maior prioridade. Apesar de remeterem ao final da década de 1980, início da década de 1990, essa análise é uma repetição do que vemos a partir da ideia de regionalização do turismo.

Dentre os momentos políticos e instrumentos de gestão do Turismo e do Território analisados a partir da concepção, implementação e avaliação das Políticas de Turismo e da organização do setor, podemos afirmar, que o Turismo nunca teve seu real potencial acolhido pelos governos em escalas nacional, e regional, no entanto, se observa que o modelo de gestão proposto pelo PNMT, por exemplo, frente a uma gestão compartilhada e local (elementos que só são possíveis devido aos incentivos da nova Constituição Federal que trata da: Participação, Municipalização e Descentralização como elementos fundamentais e elementares na concepção de políticas) foi em que pese os demais um dos planos de maior destaque e de menor continuidade, tendo duração de 10 anos. Essa perspectiva do desenvolvimento do Turismo revisada e ampliada, nos leva a crer que a base local deve ser incentivada, e que as decisões que devem ser de consenso sobre o território, apenas quem o conhece e sofre os usos e desusos do cotidiano, as relações de poder, e se reflete enquanto lugar de identidade deve participar e apontar quais dos seus recursos quer revelar a outrem.

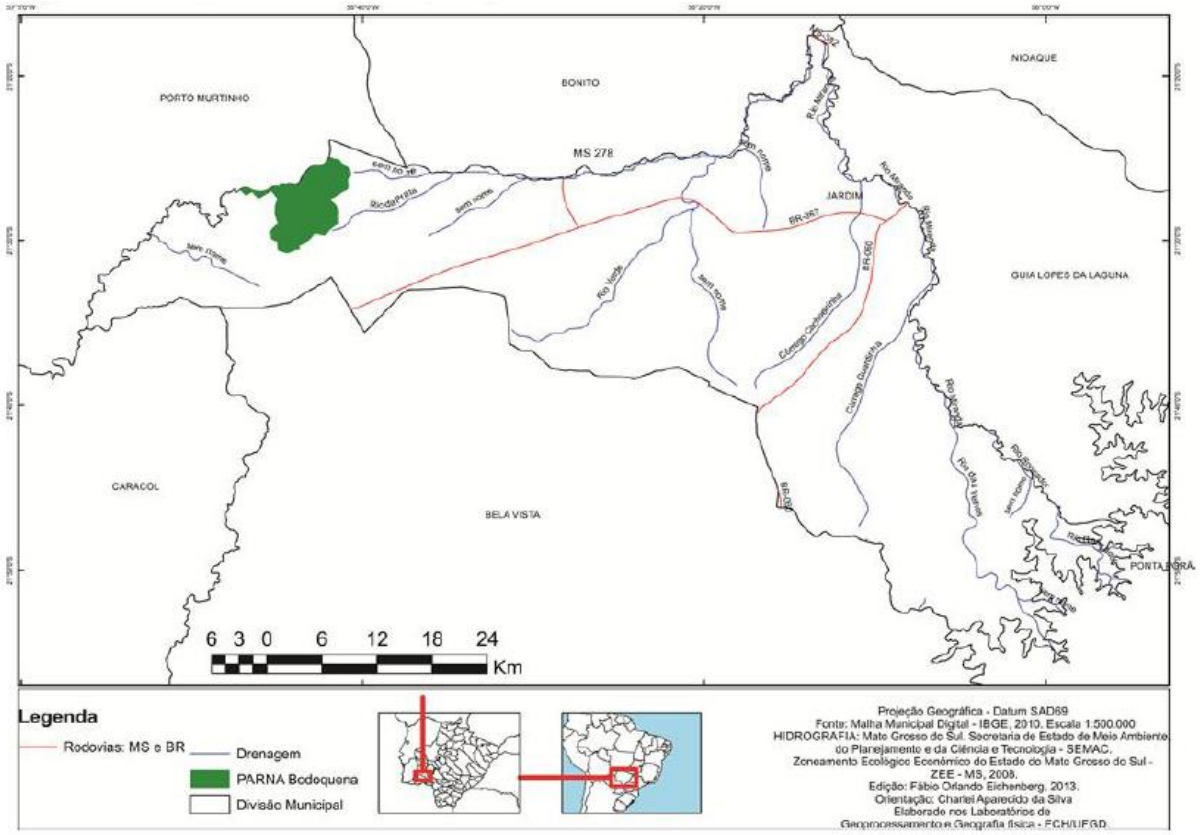
O trabalho ora descrito, é fruto de um longo processo de análise e caracteriza o formato atual do turismo voltado a ambientes naturais no município estudado. Busca analisar os impactos da atual sociedade e suas práticas sobre os recursos naturais, não é proposta final e Justifica-se também, por ser o Turismo um dos vetores de incentivo e investimentos por parte dos governos e suas esferas de poder. Espera-se que *posteriore* aos grandes eventos internacionais que ocorrerão no país nos anos subsequentes o Turismo de natureza seja mais bem gerido e incentivado por parte do poder público e iniciativa privada.

CARACTERIZAÇÃO DO GEOSSISTEMA ESTUDADO

O fato de haver recursos naturais não é *a priori* garantia de haver Turismo. Entretanto, sua existência vai nortear a partir da função econômica, a existência de uma demanda especifica por consumir recursos naturais turistificados. Essa demanda que gera deslocamentos vai dotar o que antes era apenas recurso, de conotação turística, e tipicamente social, podendo gerar, ou não, impactos positivos ao destino receptor.

No município de Jardim, os componentes do Geossistema garantem ao território a existência de um potencial dos recursos naturais voltadas ao Turismo de Natureza. A existência de recursos hídricos (Figura 1) pouco ou quase totalmente livres de poluição como: o rio da Prata, o rio Perdido, o rio Miranda, proporcionam um conjunto de belezas cênicas turistificadas. Alguns dos atrativos turísticos que funcionam nestes rios são voltados à comunidade local como o balneário municipal, outros, servem prioritariamente ao Turismo elitizado como, por exemplo, a lagoa misteriosa.

FIGURA 1 – Município de Jardim, MS: Principais Rios



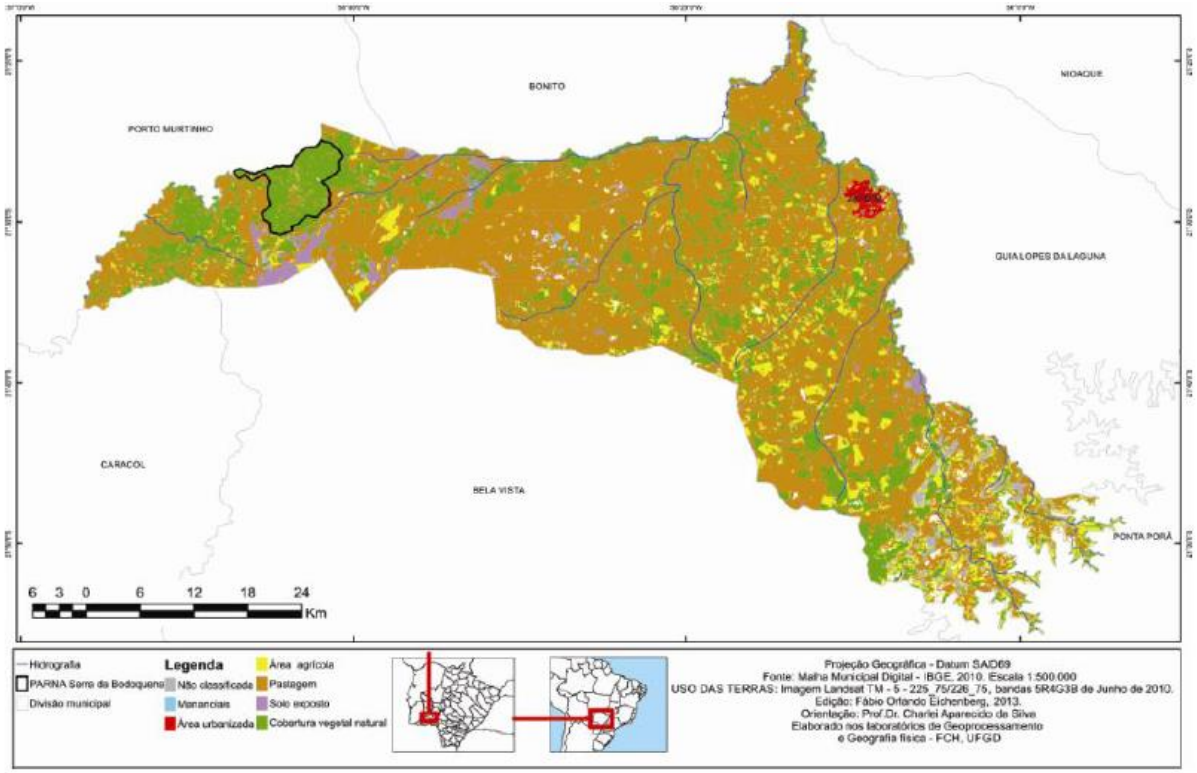
O rio Perdido ainda depende da abertura e Uso público do Parque Nacional da Serra da Bodoquena (PARNA BODOQUENA) para vir a ser utilizado como sítio turístico demonstrando dessa forma sua dependência com o subsistema político-econômico.

USO DAS TERRAS E AÇÃO ANTRÓPICA NO MUNICÍPIO DE JARDIM, (MS)

Mudanças globais estão quase sempre relacionadas a ações humanas, como exemplo disso podemos citar o processo de desmatamento crescente no Brasil e que em algumas regiões geográficas possui multi-variações para sua prática que aliadas ao processo histórico de uso e ocupação das terras podem oferecer de maneira interligada as inter-relações para sua compreensão.

Alguns autores apontam para características como a expansão agrícola, aliada a extração de madeira e ainda ao aumento da infraestrutura em áreas urbanas como sendo causas das consequências que se seguem (Ver figura 2). Por outro lado, o modelo de desenvolvimento proporcionado pelo Estado pode desencadear uma visão expansionista e economicista que certamente irá deflagrar impactos de toda ordem no território e na região.

FIGURA 2 – Município de Jardim, MS: Uso das Terras



Organização: EICHENBERG, 2013.

No município de Jardim, por exemplo, incentivado pela política do Estado de Mato Grosso do Sul, a economia está pautada nos setores primários e terciários, sendo as principais atividades o comércio e a pecuária. O Município de Jardim possuía mais de 200.000 cabeças de gado em 2010 (IBGE, 2010).

Por possuir características que formam vales aplainados são os locais destinados ao cultivo de cereais, em especial a soja, o girassol e o milho, além de pastagens artificiais, visto a facilidade de mecanização. Estas atividades têm aumentado sua área consideravelmente nos últimos anos, devido ao avanço da fronteira agrícola e à alta fertilidade dos solos, que atraiu agricultores de forma rápida e intensiva para a região (DIAS, 2000; HARRIS *et al*., 2006). O Censo 2010 (IBGE, 2010) informa ainda que são produzidas no município, oficialmente: 1.800 toneladas de carvão vegetal e 1.500 metros cúbicos de madeira.

Vale lembrar que no Brasil entre os anos de 2000 e 2005 foram desmatados o equivalente a uma área de 31 mil quilômetros quadrados, o que equivale a 74% da área desmatada para toda a América do Sul que foi de 42 mil quilômetros quadrados Ferreira *et al* (2007).

> Esses números reforçam uma tendência histórica. O Brasil buscou nos últimos séculos um fortalecimento da sua economia a base de exploração maciça dos seus recursos naturais, pautado no desmatamento. O desmatamento movimenta a economia através da exploração madeireira e abertura de áreas para pastagens, lavouras, ou núcleos urbanos (NORMANDES, 2008.p.23).

Os dados acima reforçam o embate significativo provocado pela estratégia de uso e ocupação das terras em regiões de biomas frágeis como o cerrado e que ocasionaram degradação ambiental ao longo dos anos, aliado a um ideal de crescimento econômico desenfreado e que se pauta na proposta de um conjunto de recursos naturais infinitos, o que cada vez mais se mostra equivocado.

Pode-se considerar que a região em estudo passa por um processo de conversão dos *habitat* naturais, outrora contínuos, para uma paisagem composta por fragmentos de cerrados, campos e floresta, imersos em uma matriz antrópica, predominantemente representada por pastagens plantadas.

Em relação à questão fundiária, na zona urbana, a posse dos lotes não está totalmente regularizada, sendo que muitos proprietários ainda possuem apenas notas e recibos de compras. Já a zona rural do município é caracterizada pela presença de médias e grandes propriedades, onde a regularização fundiária é maior.

De acordo com os levantamentos realizados para o presente Plano Municipal de Meio Ambiente (PMMA) Jardim, as áreas ocupadas com pastagem somam 144.222 ha, o que equivale a 65% do município. As áreas com agricultura somam 5.373 ha, equivalente a 2% do município enquanto as áreas cobertas com vegetação nativa somam 68.523 ha, correspondendo a 31% da área do município. A área urbana ocupa 1.581 ha, menos de 1% da área total do município.

O turismo de natureza frente a esse cenário se desenvolve nas áreas remanescentes de vegetação nativa e de recursos hídricos, este último que será debatido neste capítulo mais adiante, tem seu público basicamente agenciado por agencias localizadas em município vizinho e se destaca pelos atrativos: buraco das araras, recanto ecológico rio da Prata, e lagoa misteriosa, todos estes localizados em Reservas Particulares de Patrimônio Natural (RPPN), o que nesse destino, e em destinos que tem no segmento de natureza seu envolvimento é comum. Cabe discussão a forma como essas áreas são transformadas em recurso turístico, no entanto, não faremos nesse trabalho por entender que o assunto merece uma amplitude de debate específico e criterioso, e para além, cabe ressaltar a proximidade dessas áreas naturais particulares, com outras unidades de conservação existentes no território jardinense e que podem ser consideradas cênicas, é o caso do Parque Nacional da Serra da Bodoquena (PARNA Bodoquena), implantado na década passada, no ano de 2000, está com grande parte de sua área em litígio com proprietários de fazendas no interior da delimitação proposta pelo Instituto Chico Mendes da Biodiversidade (ICMBio), Até o ano de 2010 segundo o ICMBio apenas 10% da área havia sido desapropriada pelo órgão, o que tem atrasado o zoneamento e a liberação do uso público, consequentemente o Turismo nessa unidade de conservação (UC) importante para o desenvolvimento da região.

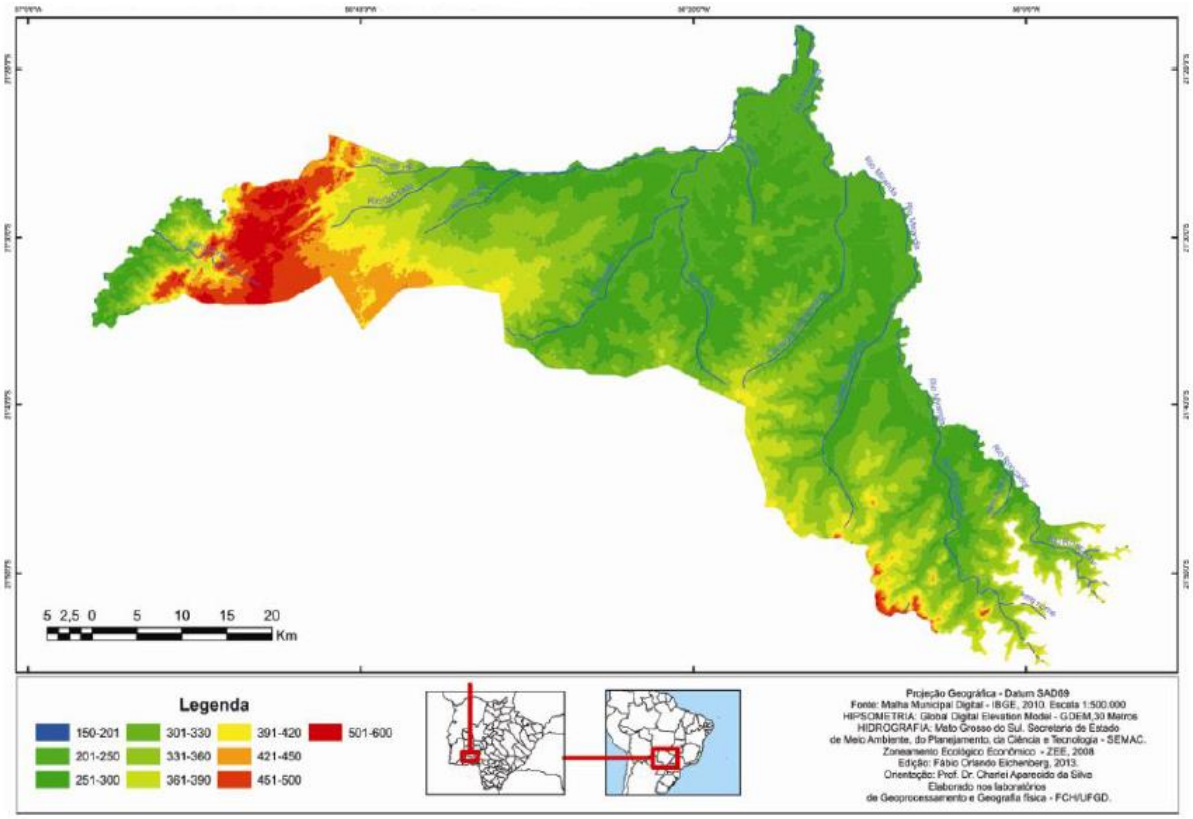
Principalmente o “olhar” sobre a região sugere a incorporação dos recursos para o Turismo aos municípios de Jardim, Bonito e Bodoquena. Tendo em vista as políticas de Turismo hoje desenvolvidas e implementadas pelo governo federal junto

ao aval da esfera estadual, e local, principalmente voltada a Regionalização do Turismo, e ainda a estruturação dos municípios citados, imagina-se que Bonito ficará a frente dessa “distribuição” dos sítios, tanto oriundos de belezas cênicas, quanto os apontados como geossitios pelo Geopark Bodoquena-Pantanal.

HIPSOMETRIA

Analisando as informações obtidas a elaboração do mapa, observa-se que as altitudes variam de aproximadamente 150 a 600 metros em relação ao nível do mar. É na porção extremo noroeste do território de Jardim que encontramos as áreas com maiores altitudes com picos de 600 metros, onde se localiza a porção jardinense da Serra da Bodoquena.

FIGURA 3 – Município de Jardim, MS: Hipsometria



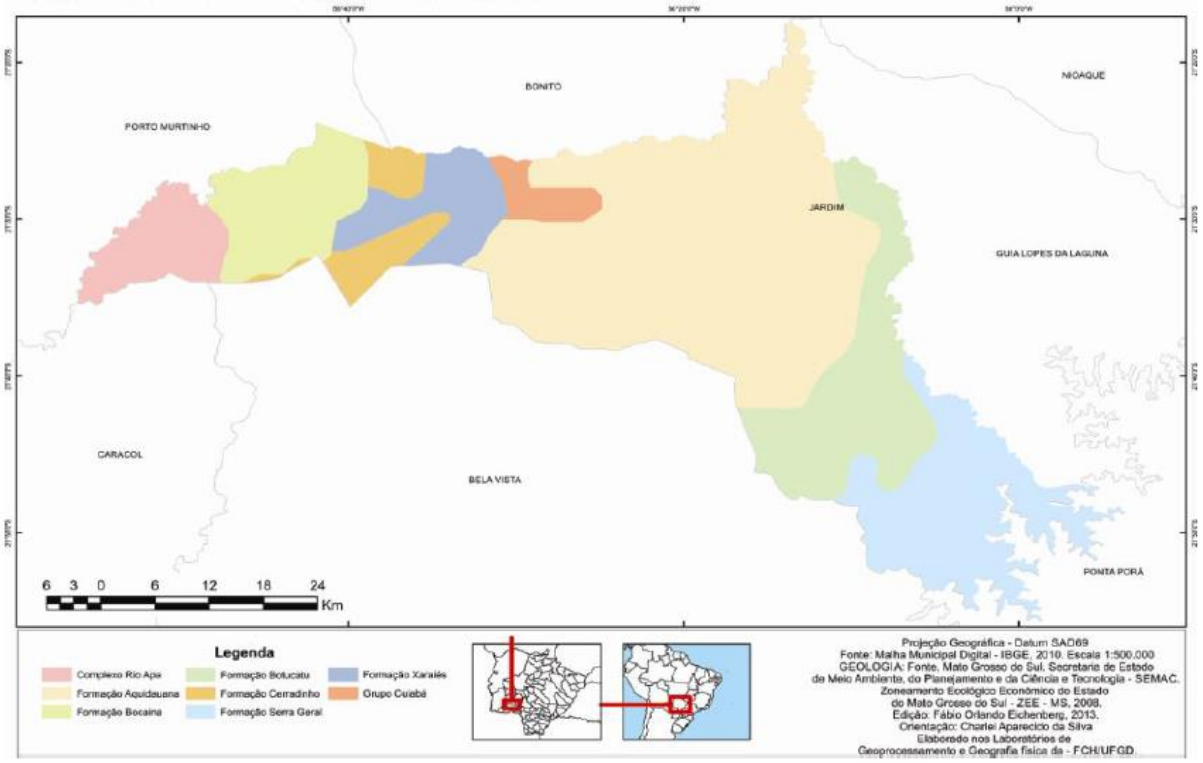
A porção territorial mais ao centro do município é caracterizada por relevo plano e suave ondulado, sendo a área próxima ao rio Miranda com a incidência de altitudes menores chegando a 150 metros. Finalmente na porção extremo-sul podemos determinar um padrão relacionado à porção central, que é relevo suave-ondulado, com altitudes que variam de 250 a 450 metros (PLANO DIRETOR MUNICIPAL, 2009.p.71).

UNIDADES GEOLÓGICAS

O município de Jardim apresenta rochas do Período Pré-Cambriano, Complexo Rio Apa e Grupo Corumbá (Formação Cerradinho com sedimentos clástico-carbonatado e Formação Bocaina). Do período Quaternário Pleistoceno (Formação Xaraiés, formada por tufos calcários travertinos e conglomerados calcíferos, geralmente fossilíferos); Rochas do período Carbonífero, Super Grupo Tubarão - Grupo Itararé (Formação Aquidauana) e Período Jurássico Grupo São Bento (Formação Serra Geral - domínio de basalto, constituídos por rochas de cores verde e cinza-escuro. A presença de arenitos intertrapeados, sugerindo origem eólica, às vezes subaquosas, é evidenciada com certa frequência ao longo da faixa de domínio do basalto e Formação Botucatu, Arenitos finos a muito finos, apresentando feições evocativas de “microponteamentos”, o que, muitas vezes, caracteriza processo de abrasão eólica). (SEMAC, 2009.p.272).

Dentre as diversas unidades geológicas encontradas no município de Jardim chama a atenção para o Turismo três delas especialmente, a formação Cerradinho, Bocaina e Xaraiés. A primeira delas, pela alta composição carbonática encontrada na região, que oferece ao visitante - turista dessas áreas, um caráter de unicidade ao Geossistema regional.

FIGURA 4 – Município de Jardim, MS: Unidades Geológicas



Já a formação Xaraiés cuja maior incidência se dá ao longo dos cursos d´água que drenam a Serra da Bodoquena é identificada pela alta concentração e deposição de tufas no ambiente serrano. É favorecida pela predominância de águas autogênicas, que ao circularem pelos calcários supersaturados em carbonatos, os dissolvem e se enriquecem neste elemento, que, em parte, acaba precipitando-se novamente e se incrustando por onde as águas passam, em decorrência de uma ação combinada com a abundante flora aquática desenvolvida nos cristalinos cursos d´águas da região. As tufas da Serra da Bodoquena ocorrem tanto no Planalto da Bodoquena quanto na Depressão do Rio Miranda e do Rio da Prata. No entanto, o mais expressivo registro de tufas calcárias da América do Sul está localizado na Serra da Bodoquena, nos depósitos sedimentários quaternários (SALLUN FILHO *et al*. 2009). Encontram-se exemplos dessa formação nos atrativos: recanto ecológico rio da Prata e lagoa misteriosa, dois dos atrativos que demandam maior fluxo de visitantes na região e se localizam no município de Jardim (Dossiê Geopark Bodoquena – Pantanal, 2010.p.31).

Com a formação Bocaina se destaca a supersaturação em carbonato de cálcio e a ausência de siliciclásticos nas rochas calcárias que são responsáveis pela extrema limpidez dos cursos d'água que brotam na serra da Bodoquena. "Podemos citar o rio Perdido, que brota no PARNA Bodoquena e tem em parte de seu curso a existência de diversos 'sumidouros" e cachoeiras, além de ser um recurso para a prática de atividades de aventura como o Rafting a canoagem e o Boia-Cross, além de mergulho e flutuação.

Podemos destacar a capacidade dessa formação em colaborar com limpidez que permite que os raios solares atinjam o leito dos rios, possibilitando o desenvolvimento de uma espetacular e abundante flora aquática (algas), que além de curiosa e bela, é fonte de alimentos à fauna e, numa ação combinada com as águas carbonatadas, permite que se formem magníficas tufas calcárias. Como resultados formam-se aquários naturais e cenários de impressionante beleza, que atraem turistas do mundo todo. Essas rochas sustentam grande parte da serra da Bodoquena com configuração morfológica de relevo bastante acidentado, em parte, sob a forma de planalto escarpado. (Dossiê Geopark Bodoquena – Pantanal, 2010.p.26).

Constitui se numa feição propicia a que o complexo sistema de águas subterrâneas dos terrenos calcários esteja ainda hoje a ampliar muitas das espetaculares e grandes cavidades que existem na região, a exemplo do Abismo Anhumas. Esse fato, aliado às características composicionais das rochas, fazem da serra da Bodoquena uma das mais magníficas feições cársticas do Brasil, tanto pela beleza cênica, quanto pelo seu sistema hídrico superficial de águas incrivelmente cristalinas e revestidas por tufas calcárias, as quais aparecem edificando belas e curiosas corredeiras, cachoeiras, piscinas e esculturas naturais. (Dossiê Geopark Bodoquena – Pantanal, 2010.p. 27).

A Depressão do Miranda é constituída, na parte leste, por rochas terrígenas e carbonáticas (principalmente dolomíticas) dos grupos Corumbá e Cuiabá deformados da faixa Paraguai.

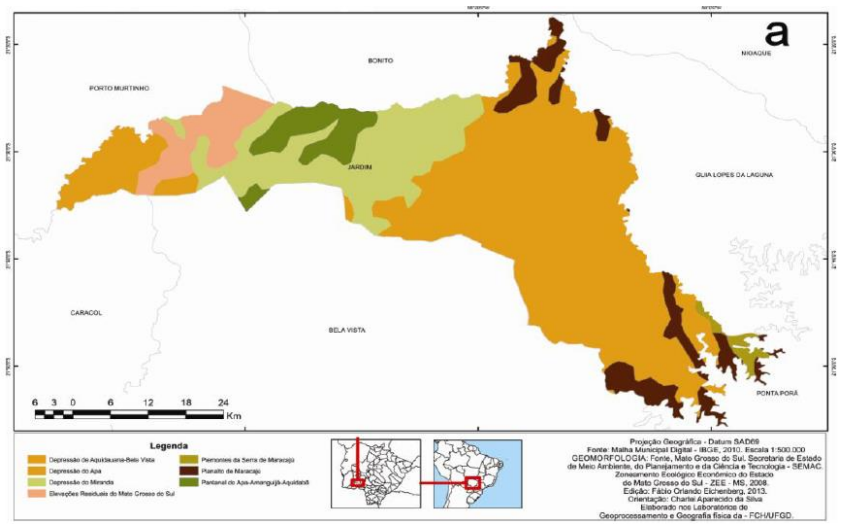
UNIDADES DE RELEVO

As formas de relevo do município de Jardim dividem-se em quatro Regiões:

1. Região dos Planaltos da Borda Ocidental da Bacia do Paraná, com a unidade geomorfológica Planalto de Maracaju;
2. Região da Depressão do Alto Paraguai, com as unidades: Piemontes da Serra de Maracaju, Depressão de Aquidauana-Bela Vista e Depressão de Bonito;
3. Região da Bodoquena e Morrarias do Urucum-Amolar, com a unidade, Serra da Bodoquena;
4. Região do Pantanal Mato-Grossense com a unidade Pantanal do Apa-Amonguija-Aquidabã. (SEMAC, 2010.p.272)

No município de Jardim, segundo o mapa de Unidades de Relevo do município apresenta as feições Modelados Planos-P, relevo plano, geralmente elaborado por várias fases de retomada erosiva; Modelados de Dissecação - D, com relevos elaborados pela ação fluvial, Modelados de Acumulação fluvial - Af, áreas planas resultante de acumulação fluvial sujeita a inundações periódicas e Modelados de Inundação - Ai. Área plana ou embaciada, Zonal, argilosa e/ou arenosa, sujeita a inundações Periódicas, ligadas ou não à rede de drenagem atual.

FIGURA 5 – Município de Jardim, MS: Unidades de Relevo



MATERIAIS E MÉTODOS

O processo de zoneamento proposto pelo município no plano diretor leva em consideração apenas os recursos naturais existentes em uma pequena parcela do território jardinense que se encontra em processo legal e autorizado de *exploração*. Esse trabalho propõe a espacialização dos atrativos que compõem recursos potenciais existentes no Território, incluso, os que já operam com Turismo de Natureza.

Para alcançar melhores resultados, buscou-se estabelecer de acordo com (SILVA, 2006.p.273) zonas distintas dentro do território jardinense a fim de que se pudessem entender aspectos como zona de Atratividade do município, tendo em vista alguns atrativos ser reconhecidamente visitados por sua de beleza cênica. A região é conhecida por suas categorias de unidades geológicas, de relevo, por seus rios cristalinos, e ainda, algumas de formações raras e endêmicas. Por outro lado foram criadas outras duas zonas, a de Relevância e a de Pressão, ambas responsáveis por manter o equilíbrio ambiental do Geossistema e garantir o fluxo continuado de turistas que visitam a região.

A partir desses elementos foi elaborada um Mapa de Uso das Terras que proporcionou aos pesquisadores um panorama geral de como está sendo feito o Uso e Ocupação das Terras do município estudado, mais adiante importante ferramenta para a elaboração de uma proposta de Zoneamento dos Recursos Para o Turismo de Natureza do município de Jardim.

Todos os elementos do Geossistema apontados anteriormente vão caracterizar os usos atuais dos recursos e colocá-los a disposição do mercado turístico. Para que seja possível zonear os atrativos serão criadas três zonas de atração: Zona de Atratividade, (Z1 – A, B, C) capazes de atrair um fluxo significativo de turistas ao município, sendo essa a zona de maior valorização por parte do trade, Zona de Relevância (Z2 – A, B, C, D) importante pelas características de transição entre a zona de atratividade, apesar de ser menos valorizada pelo poder público e iniciativa privada como atrativo. Serve em especial como local de lazer para a população do local. E finalmente a Zona de Pressão (Z3 – A, B, C) que corresponde a uma área com característica altamente antropizada e que pode trazer impactos

negativos ao Turismo no município, principalmente se o segmento for voltado a atividades em meio natural como: ecoturismo, turismo de aventura e turismo de natureza, tipologias discutidas no capitulo I desse trabalho.

Para isso tomamos como embasamento o processo de espacialização e tratamento de imagens de satélite Landsat usando a ferramenta do Arc Gis 9.1 e Corel x5 de Julho e Outubro de 2010 e que foram especialmente usados para o mapeamento temático municipal, formando um mosaico de informações espacializadas dos 25 atrativos descritos no plano diretor e que compõe a oferta turística de natureza em Jardim, MS.

Tendo em vista que durante a revisão bibliográfica dessa pesquisa pretendeu-se sistematizar algumas ideias acerca das tipologias de turismo realizadas na natureza encontramos três distinções: turismo de aventura, turismo de natureza e ecoturismo, este último mais comumente ofertado na região, entretanto não é objetivo desse trabalho promover um aprofundamento desse debate.

O uso desse material para fins de planejamento ambiental do território jardinense a partir da finalização dessa etapa ficará a livre vontade do poder público, COMTUR e trade turístico de Jardim. Sabe-se que Jardim vive dias de instabilidade político – institucional o que sem dúvida reflete nas ações aqui desenvolvidas. O fato é que a partir dessa proposta espera-se que o município passe a compreender o nível de seus recursos e isso estimule seu desenvolvimento a partir do Turismo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Correspondem como sendo a Macrozona Rural de Interesse Turístico (MRIT) no plano diretor, as áreas do território municipal onde não existem ocupações de caráter urbano e cujas características geomorfológicas indicam grande inadequação a esse tipo de ocupação – região de ocorrência de altas declividades e de recursos hídricos de beleza cênica como oferta turística. Adicionalmente, nessa porção territorial estão concentradas as maiores extensões de cobertura florestal significativa, sendo enquadradas pelo Código Florestal como “Áreas de Preservação Permanente”. Estão presentes os remanescentes de Mata Atlântica mais significativa da região sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul e

compõe, por conseguinte, a parcela de Jardim, do Parque Nacional da Serra da Bodoquena. Englobam nesse território enquanto recursos ambientais as nascentes do rio Olho d água e os atrativos da Lagoa Misteriosa, Recanto Ecológico Rio da Prata, Buraco das Araras, Balneário Municipal e Balneário e Camping do Assis. As atividades citadas anteriormente. Os atrativos citados que estão em pleno funcionamento e os demais recursos potencias que estão elencados no Plano diretor foram espacializados e formam o mapa de zoneamento (Figura abaixo)

A faixa onde o uso dos recursos hídricos do município, principalmente representada pelo rio da Prata, foi segundo a prefeitura do município zoneada de modo a contribuir para a proteção da área, que corresponde a uma dinâmica de cooperação nas quais conhecimento e manejo de conservação e proteção principalmente de remanescentes de mata atlântica e, está sendo proposto a fim de contribuir na recuperação de áreas naturais altamente antropizada como é o caso da RPPN recanto ecológico rio da Prata e da lagoa misteriosa, que já desenvolve um projeto de recuperação da área de mata ciliar e reserva legal onde se localizam os atrativos anteriormente devastados para o plantio de pasto.

Dessa forma, o processo de zoneamento proposto pelo município no plano diretor leva em consideração apenas os recursos naturais existentes em uma pequena parcela do território jardinense que se encontra em processo legal e autorizado de exploração para o Turismo e é comercializado e operado por empresas de outro município da região, Bonito, no entanto o que esse trabalho propõe é espacializar todos os atrativos que compõem recursos potenciais e já em operação.

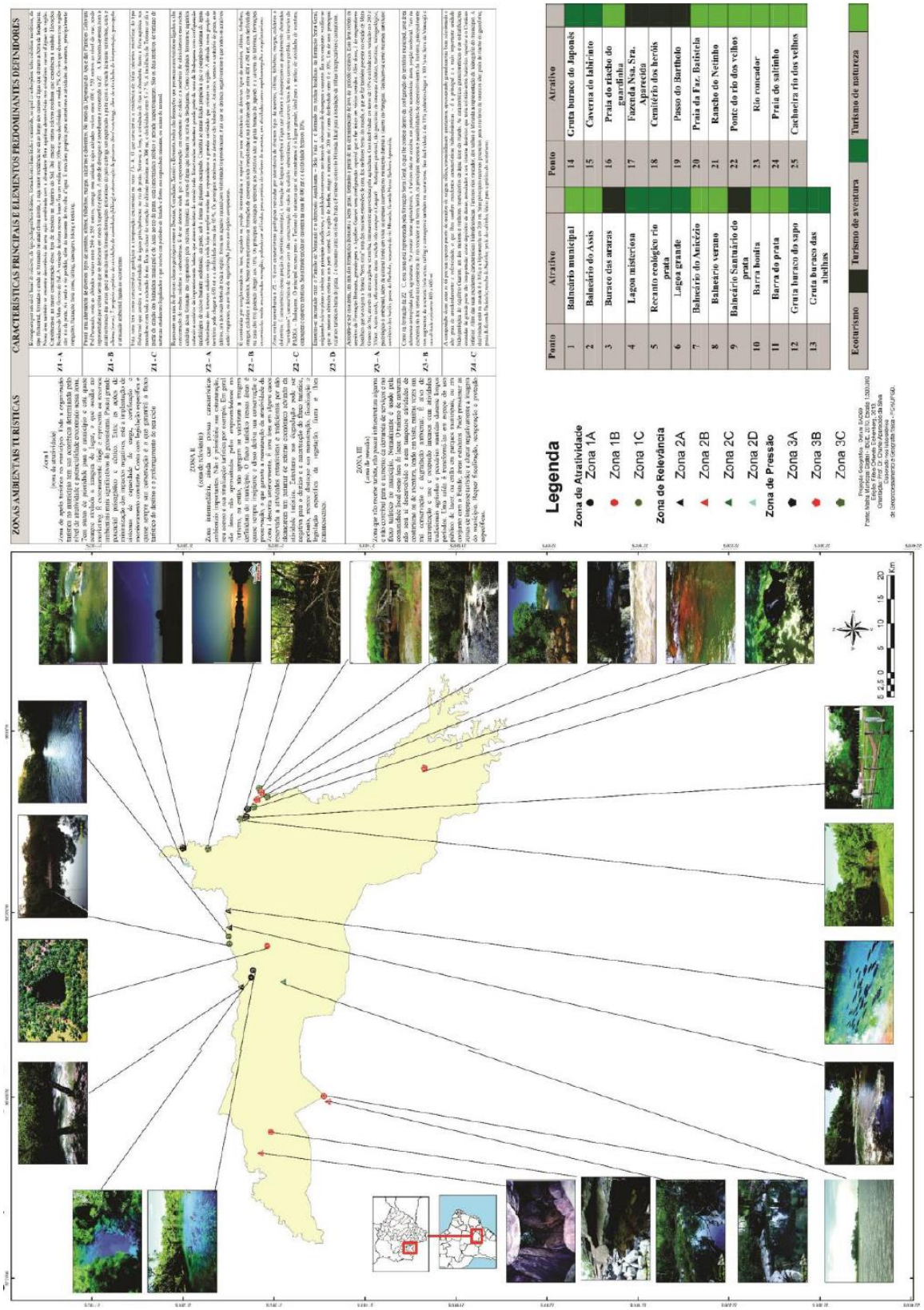
Sendo assim, buscou-se estabelecer de acordo com (SILVA, 2006.p.273) zonas distintas dentro do território jardinense a fim de que se pudessem entender aspectos como zona de Atratividade do município, tendo em vista alguns atrativos serem reconhecidamente visitados e estarem em um rol de atrativos de beleza cênica da região por suas características geológicas, geomorfológicas, hidrográficas, algumas de formações inclusive raras e endêmicas. Por outro lado foram criadas outras duas zonas, a de Relevância e a de Pressão, ambas responsáveis por manter o equilíbrio ambiental do Geossistema e garantir o fluxo continuado de turistas que visitam a região.

Para isso tomamos como embasamento o processo de espacialização e tratamento de imagens de satélite Landsat usando a ferramenta do Arc Gis 9.1 e Corel x5 de Julho e Outubro de 2010 e que foram especialmente usados para o mapeamento temático municipal, formando um mosaico de informações espacializadas dos 25 atrativos descritos no plano diretor e que compõe a oferta turística de natureza em Jardim, MS.

Tendo em vista que durante a revisão bibliográfica dessa pesquisa pretendeu-se sistematizar algumas ideias acerca das tipologias de turismo realizadas na natureza encontramos três distinções: turismo de aventura, turismo de natureza e ecoturismo, este último mais comumente ofertado na região, entretanto não é objetivo desse trabalho promover um aprofundamento desse debate, contudo, na figura 6 apresentada na página seguinte do texto tem em sua formatação um quadro que tenta apresentar além das características detalhadas dos espaços turísticos de natureza, uma breve ilustração dos seguimentos no município.

Durante o processo metodológico em busca de resultados que validassem o modelo pretendido vislumbrou- se sempre a perspectiva de criar um zoneamento turístico de natureza no município de Jardim, que evidenciasse o potencial geossistêmico existente e as contradições a partir das políticas adotadas por atores hegemônicos e governos em suas diversas escalas de atuação, o processe se encerra com um modelo que muito se aproxima da proposta de Silva (2006) que propunha um zoneamento do território partindo dos elementos do geossistema para o destino de aventura e ecoturismo de Brotas no interior do Estado de São Paulo. O mapa abaixo é resultante dessa análise do geossistema de Jardim.

FIGURA 6 – Mapa de Zoneamento: “O Jardim de Bonito”



Organização: EICHENBERG SILVA, 2013.

Acreditamos que o processo de zoneamento pode auxiliar, mas não resolver os problemas do município de Jardim, no Estado de Mato Grosso do Sul. Trata apenas de uma proposição frente aos equívocos aqui entendidos nas análises de instrumentos de ordenamento territorial como o Plano Diretor (2009) e o Zoneamento Econômico Ecológico do Estado de Mato Grosso do Sul (2009), e ainda, em face das políticas do Macro Programa de Regionalização do Turismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. 17.ed. Brasil: Saraiva, 1997.

CORIOLANO, Luzia Neide; VASCONCELOS, Fábio Perdigão. **O Turismo e a Relação Sociedade-Natureza:** Realidades, Conflitos e Resistências. Fortaleza: EDUECE, 2007.

CHRISTOFOLETTI, Antônio. **Modelagem de Sistemas Ambientais**. São Paulo: Edgard Blucher, 1999.

DIAS, Jailton. **A Região Cárstica de Bonito, MS:** Uma Proposta de Zoneamento Geoecológico a partir de Unidades de Paisagem**.** Ciência Geográfica, v. 1, p. 14-24, 2000.

DIEGUES, Antônio Carlos Santana. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. São Paulo: Annablume – Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2002.

EICHENBERG, Fábio Orlando; SILVA, Charlei Aparecido Da. A Natureza Capitalista do Turismo de Natureza, e a Relação Natureza – Sociedade. In: **ENCONTRO PARANAENSE DE PESQUISADORES EM HOTELARIA E TURISMO**, 2012. Foz do Iguaçu – Unioeste. 10 de Novembro. pp. 285-301.

FALETTI, Tulia. Efeitos da Descentralização nas Relações Intergovernamentais: O Brasil em Perspectiva Comparada. In: **Sociologias**, Porto Alegre, ano 8, nº 16, jul/dez 2006, p. 46-85.

GOVERNO DE MATO GROSSO DO SUL. **Dossiê Geopark – Bodoquena – Pantanal.** Campo Grande, Outubro de 2010.

HARRIS, M. B.; ARCÂNJO, C.; PINTO, E. C. T.; CAMARGO, G.; NETO, M. B. R.; SILVA, S. M. Estimativa da Perda de Cobertura Vegetal Original na Bacia do Alto Paraguai e Pantanal Brasileiro: Ameaças e Perspectivas. In: **Revista Natureza & Conservação**, v. 4, n. 2, p. 50-66, 2006.

MARTINEZ, Alfonso De Jesus Jimenez. Aproximação à Conceituação do Turismo a partir da Teoria Geral de Sistemas. In: TRIGO. Luiz Gonzaga Godoi (Org.); NETTO, A.P; CARVALHO, M.A; PIRES, Paulo Dos Santos Pires. **Análises Regionais e Globais do Turismo Brasileiro.** São Paulo: Roca, 2005.

MOLINA, Sérgio. **Turismo e Ecologia**. Santa Catarina: Edusc, 2001.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JARDIM. **Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica do Município de Jardim, MS, Jardim: 2012.**

PORTO – GONÇALVES Carlos Walter. **Os (Des) caminhos do Meio Ambiente**. São Paulo: Contexto, 1996.

SALLUN FILHO *et alli*. A Deposição de Tufas Quaternárias no Estado de Mato Grosso do Sul: Proposta de Definição da Formação Serra da Bodoquena. In: **Revista do Instituto de Geociências –** USP. Geol. USP, Sér. cient., São Paulo, v. 9, n. 3, p. 47-60, outubro 2009.

SANTOS, Milton. **Técnica. Espaço Tempo**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1992.

SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloisa Turini. **Viagens à Natureza. Turismo, Cultura e Ambiente**. São Paulo: Papirus 1997.

SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE, DO PLANEJAMENTO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **ZEE: Referências Socioeconômicas para a Gestão do Território de Mato Grosso do Sul. Vol. II - Campo Grande, 2009.**

SILVA, Normandes Matos Da. **Dinâmica de Uso das Terras nos Municípios de Bonito, Jardim e Bodoquena (MS) e o Estado de Conservação dos Recursos Biológicos do Parque Nacional da Serra da Bodoquena e de sua Zona de Amortecimento**. 2008. Doutorado em Ecologia. Departamento de Biociências: São Paulo, USP.

SILVA, Luiz Fernando Saraiva Da**. Programa Nacional de Municipalização do Turismo:** Sustentabilidade e Descentralização das Políticas de Turismo no Recém-criado Município de Guapimirim, RJ. 2006. Mestrado em Ciência Ambiental. Universidade Federal Fluminense – Niterói. Rio de Janeiro.

SILVA, Charlei Aparecido Da. **Análise Sistêmica, Turismo de Natureza e Planejamento Ambiental de Brotas:** Proposta Metodológica. 2006. Doutorado em Geociência. Departamento de Geociências – UNICAMP, Campinas, São Paulo.

SOUZA, Júlio César Oliveira. **Identificação de Geossistemas e sua Aplicação no Estudo Ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio São Miguel – Alagoas**. Recife: Dissertação de Mestrado, UFPB, 2013. 205f.